04-09-2025

AS CURVAS DO RIO QUE FALA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Um dia, numa conversa com o mestre Braz José Coelho, escritor e linguista goiano, com voz mansa e amorosa, disse-me ele ter feito uma escolha para, enfim, construir uma metáfora da vida: o rio. Falou-me que não existe e nem pode existir rio sem movimento. O mesmo procede com a vida. O rio corre, debate contra barrancos e margens, avança recolhendo afluentes, segue rumo serpenteando entre cheias e secas das estações. Quase sempre é um afluente de outro rio, esse outro rio que, num fluxo ininterrupto, chega ao mar para ser engolfado na altitude zero. O movimento é a sua sina; o mistério é o seu início – e a sua chegada. O rio necessita de proteção, esse é o trabalho das matas de galerias. Caminha conforme a disposição do relevo e se alimenta das profundezas do subsolo: os lençóis. Em algum lugar nasceu, para o mistério corre. No caminho – a sua essência – abastece ribeirinhos, fornece peixes, engravida árvores, faz resplandecer a luz e a vida.

Em movimento se faz em formas de poços, aguadas, remansos. Bate na rocha dura e invisivelmente a modifica. Com vida corrediça, desenha e redesenha o seu corpo em forma de canal. Recebe nomes e apelidos. Tem voz, às vezes serena, às vezes trôpega, quase sempre inaudível. Mas as curvas do rio falam. Falam, mas é difícil de ser entendido. Para entendê-lo, necessita-se de amor. Sociedades inteiras dependeram de rios. Sociedades inteiras existiram em funções de rios, como foi a Mesopotâmia consoante aos rios Tigre e Eufrates; a civilização do Vale do Indo, no atual Paquistão, que dependia do rio Indo para o comércio e para a agricultura. A China antiga se misturou ao rio Amarelo como o Egito antigo teve a sua existência junto ao rio Nilo. Há a estimativa de que em torno de 380 povos indígenas possuem relação direta, ontológica e espiritual com o rio Amazonas. Mais que a sobrevivência material feita de pescas, transportes, roçados e banhos, o Amazonas é guarida de ritos, crenças, mitos. Para muitos povos, as águas desse rio são sagradas. Não se banha nele sem louvar divindades. Alguns povos, por isso, entendem a voz do rio, conversam com ele, recebem ensinamentos diários. Assim é o velho Chico, o rio São Francisco. Estima-se que esse rio sertanejo forma uma região hidrográfica com cerca de 12,8 milhões de habitantes, representando quase 10% da população total do Brasil. É o rio dos ribeirinhos, dos velhos pescadores, das lavadeiras de roupas, das dançarinas do mundaréu, dos catireiros, dos quilombos e de povos indígenas. Dos roceiros e sitiantes. O mesmo procede com o rio Araguaia, que ilustra Goiás com poentes ourificados e com lâminas azuis matinais. É de onde os povos Karajá – povos do rio – emanam a sua voz, as suas crenças, a sua comida, o seu lazer, as suas festas.

O Cerrado brasileiro, designado como a "caixa d'água da América do Sul", possui o seu mapa como um mapa hidrográfico. O Cerrado ensina que a vida é aquática. Os escritores e as escritoras brasileiras foram sensíveis com os rios. Cora Coralina cantou o Vermelho; Carmo Bernardes assim procedeu com o Araguaia. João Cabral de Melo Neto entoou o Capibaribe em versos duros na sua forte gramática. Guimarães Rosa avistou a terceira margem do rio como sinônimo de arte e loucura. Os rios são de vários tamanhos. Possuem nomes diferenciados como diferenciada é a língua do povo. Estão na música e na poesia. E são peças de luxo na memória de crianças ribeirinhas. São lugares do banho e da pescaria. Ensinam muitas lições, inclusive a de que não se deve acostumar consigo mesmo. Todos os dias mudam, mudam nós todos os dias. Têm, como essência, o princípio da atividade e do movimento. Não há como um rio correr sem tensões e conquistas, e sem gratificar as beiradas, sem matar a sede de pássaros e animais vários. Mia Couto, escritor e poeta moçambicano, diz que *Para os africanos, o rio era uma mulher que engravidava com as grandes chuvas. A verdade era esta: ambas as margens eram habitadas por gente que, todas as noites, rezava aos mesmos deuses. O rio escutava as preces e voltava a ser nuvem.* Vem de Mia Couto uma ideia: rios são nuvens rastejantes na superfície protegida pela gravidade, vão e não voltam, nunca chegam porque são passagens. Na passagem se maravilham. .....

Manoel de Barros preferiu chamar o rio de vidro mole.

O rio que fazia uma volta atrás da nossa casa
era a imagem de um vidro mole...
Passou um homem e disse:
Essa volta que o rio faz...
se chama enseada...
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia
uma volta atrás da casa.
Era uma enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.

O rio é amigo da chuva, das árvores, dos animais e do ser humano. Lava os pés da benzedeira, afasta os maus espíritos, apazigua os olhos das crianças e fermenta a alma. Corre nas veias da terra, umedece-a, encanta-a e a enche de fertilidade, mas está sendo atacado, devorado, combatido. Mestre Braz José Coelho parece ter razão: o rio é uma das maiores fontes de vida; é uma metáfora magnífica.

Entretanto, são as perguntas de outro mestre,
Altair Sales Barbosa, que nos instigam:
Por que estão assassinando os rios do Cerrado?
Por que ninguém ouve as curvas do rio que fala?

▪▪▪

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.